

**ANÁLISE DOS ELEMENTOS GÓTICOS
EM “O ARCO DE SANT’ANA”, DE ALMEIDA GARRETT**

Luciana Luiza de França (UERJ)
professoralluciana@hotmail.com

RESUMO

O objetivo deste artigo é realizar uma análise dos elementos góticos existentes na obra “O Arco de Sant’Ana”, de Almeida Garrett. Pretende-se definir a literatura gótica com ênfase em suas especificidades, traços e dimensão dentro da literatura, a partir de imersão nas figuras históricas narradas na obra. Serão apresentadas também as características desse estilo, a partir de uma visão romanesca mesclada com seus conteúdos e dinâmicas. Para realizar o estudo, optou-se por desenvolver uma pesquisa bibliográfica baseada em pressupostos teóricos de Battaille (1997), Botting (1996), Ceserani (2006) e outros. Os resultados demonstraram que a obra “O arco de Sant’Ana” traz elementos góticos que se associam às personagens e a seus monstros, retratados pelo lado obscuro do ser humano. Tais elementos surgem no enredo por meio do horror em seu panorama histórico, pela luta entre o bem e o mal e pelo medo constantemente apresentado a partir da figura da personagem da Bruxa de Gaia e do monstro descrito pelo bispo. Ademais, “O Arco de Sant’Ana” traça um panorama histórico e político, cuja produção literária se mescla com elementos góticos, embora o escritor admita que tal direcionamento de alguns autores para esse estilo ficcional representaria uma forma de desapego às necessárias regras de costumes culturais da sociedade.

Palavras-chave:

Figuras Históricas. Literatura Gótica. Traços Culturais.

ABSTRACT

Analysis of gothic elements in the Arch of Sant’Ana, by Almeida Garrett. The purpose of this article is to carry out an analysis of the Gothic elements existing in the work “O Arco de Sant’Ana”, by Almeida Garrett. It is intended to define the Gothic literature bringing its specificities, features and dimension within the literature, from immersion in the historical figures narrated in the work, presenting the characteristics from a Romanesque vision mixed with contents and dynamics of the Gothic style. To carry out the study, it was decided to develop a bibliographic research based on theoretical assumptions of authors like Battaille (1997), Botting (1996), Ceserani (2006) and others. The results showed that the work “O Arco de Sant’Ana” brings Gothic elements that are associated in the narrative with the characters and their monsters, represented by the dark side of the human being. So the work has Gothic elements represented by the struggle between good and evil.

Keywords:

Cultural traits. Gothic literature. Historical characters.

1. Introdução

A literatura gótica é uma vertente que representa o Romantismo mais direcionado ao mistério e ao lado obscuro. Trata, sobretudo, de temas que contradizem costumes, tradições e cultura de uma dada sociedade. No estilo gótico, as obras se revestem de um olhar exterminador para cultura vigente, ou seja, é um movimento de contracultura cujos temas de maior expressão são a morte, o satanismo, a loucura, a insanidade e os sentimentos que afloram de forma irracional e dizem respeito à maldade humana. Tal literatura representa o duplo, que traz a sensação de o ser humano possuir, dentro de si, a sombra do mal (CESERANI, 2006).

“O Arco de Sant’Ana”, de Almeida Garrett, traz cenas de expressão da literatura gótica quando se apresentam situações envolvendo a personagem Bispo do Porto, a qual simboliza o mistério, o temor e a personificação da maldade. Uma reflexão típica se reflete em uma espécie de inconstância artística, que permeia a obra “O Arco de Sant’Ana” no que concerne à sedução pelo gótico.

Embora Almeida Garrett pense que o gótico representa, na verdade, um modismo da Renascença, que se apropria especialmente da arquitetura e da literatura, isso é considerado um retrocesso. Para ele, era uma forma de se fazer uma literatura escapista. No entanto, Garrett escreve “O Arco de Sant’Ana” com muitas características interessantes do estilo gótico.

Em relação à crítica de Garrett aos seus contemporâneos acerca do gosto pelo gótico na literatura, especialmente segundo o escritor influenciado pelas literaturas de Walter Scott, escocês considerado o criador do gênero literário romance, Almeida insinua que a literatura gótica incitaria revoltas, como a que ele próprio descreve em “O Arco de Sant’Ana”. É o caso da personagem Vasco que se coloca contra as oligarquias locais diante das injustiças sociais.

“O Arco de Sant’Ana” é um romance histórico, cujo enredo se desenrola no século XIV, à sombra do arco do mesmo nome, na rua de Santana, no velho Porto. Tudo acontece no tempo em que o bispo do Porto era rei e senhor do seu feudo. Esse homem, após uma tentativa de sedução da jovem mãe Aninhas, mandou Pêro Cão, chefe da guarda, raptá-la. Nesse momento, seu marido, Afonso, encontrava-se ausente.

Gertrudes, vizinha e amiga de Aninhas, mandou seu amado buscar auxílio junto ao rei D. Pedro. Gertrudes era namorada do protegido do

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

bispo, o jovem estudante Vasco. Assim, ele se dirige à Gaia, onde está a bruxa Guiomar, a qual descobre – posteriormente – ser sua própria mãe. Ela o concebeu numa noite de má memória em que fora abusada pelo atual bispo, então cavaleiro que havia sido ferido na guerra civil, recolhido e tratado pelo pai da judia Guiomar, o físico Abraão Zacuto.

O povo, revoltado, cerca o paço episcopal para exigir a libertação de Aninhas. À frente dos contendores, Vasco, o jovem que luta pelas causas do povo, descobre que o bispo malvado é o seu progenitor. O rei surge do meio da multidão para impor a sua justiça e, com o chicote, expulsa do reino o indigno bispo. Pêro Cão foi encontrado enforcado numa estéril figueira. No fim, D. Pedro apadrinhou o casamento de Vasco e Gertrudes. Afonso regressou a casa e prometeu não mais deixar sozinha a bela Aninhas.

Há em toda a narrativa um cenário decadente, com edifícios misteriosos, uma donzela em angústia, emoções e sentimentos profundos, a presença do herói e da loucura, personagens que nos remetem à maldade e a outras características típicas da literatura gótica.

Diante disso, busca-se demonstrar que a cultura do tempo de Garret está com grande fulgor associada à literatura romântica da época, no que diz respeito ao gosto pelo romântico que pode, algumas vezes, delinear-se por caminhos marcados por um destino cheio de controvérsias trazendo à tona a maldade humana e o duplo psicológico simbolizados pelo lado obscuro do ser humano, além do lado sociável.

A obra surge a partir de investimento de tempo, dedicação e disciplina por parte de Almeida Garrett, que passa, ao mesmo tempo, por um processo criativo e artístico. Trata-se de uma investigação que indaga, na obra, a presença de elementos góticos. Apresenta-se, como interpretação, a lógica de David Gilmore¹ sobre *Monsters: evil beings, mythical beasts, and all manners of imaginary terrors*, que representa como criação humana tudo o que é terrível e que se trava na mente humana, de onde decorrem as fantasias, os mitos, o folclore e os rituais primitivos que possuem um elo que se liga às situações grotescas, em que se imagina que o mal seria representado por algo imenso e gigantesco que intimida os mais fracos pelo medo.

¹ David D. Gilmore é professor de antropologia na Universidade Estadual de Nova York, Stony Brook. Ele é autor de vários livros, incluindo *Monsters: Evil Beings, Mythical Beasts e All Manner of Imaginary Terrors*.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Também se observa no artigo as ideias de Pierucci (2013), para quem a percepção sobre os monstros na concepção moderna se distingue da relação compreendida nos tempos históricos antigo e medieval. Segundo o estudioso, existe uma diferenciação que deve ser considerada na Antiguidade e na Idade Média, pois não havia, nessas épocas, a noção de um mundo desencantado, ou seja, não há, em tais períodos, uma queda dos deuses e ou das divindades.

Fred Botting², em seu artigo “Excesso e transgressão góticos”, demonstra que o gótico na literatura nasce do desejo de derrubar os valores, na medida em que transgride a representação do que foi construído socialmente e se impõe contra quem tem a coragem de impetrar ameaças perceptíveis a esses valores.

Dessa maneira, o artigo pretende compreender os mecanismos da produção, elucidar os caminhos seguidos pelo escritor, entender as personagens do livro e os traços da literatura gótica que possibilitam a percepção de um caminho percorrido pelo literata.

No processo de criação literária, o escritor deixa marcas dos elementos góticos, tanto pelo foco centralizado, pela compreensão do processo de criação artística de modo que a construção intelectual, como narrativa constituída, determine um prototexto que expressa uma interpretação propriamente dita de elementos góticos associados ao romance.

Dessa forma, “O Arco de Sant’Ana” é um empreendimento intelectual que tem grande intensidade em termos de caráter analítico sobre a obra, pois se tem a percepção de um ensaio gótico que compõe os diversos momentos do processo criativo.

Nesse caso, no artigo, foi necessário estabelecer um instrumento teórico para direcionar a análise da narrativa da obra. Para isso, optou-se por analisar os traços góticos a partir das seguintes personagens: a Bruxa de Gaia e o padre, assim como propor explicações relativas ao processo criativo.

A problemática do estudo aponta a seguinte questão: existem elementos góticos na obra “O Arco de Sant’Ana”, de Almeida Garrett?

² Fred Botting é professor de literatura inglesa e redação criativa na Kingston University, no Reino Unido. Ele escreveu extensivamente sobre ficções góticas e sobre teoria, cinema e formas culturais.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Para responder à questão, buscou-se realizar uma pesquisa bibliográfica, trazendo, como fonte, a obra do autor e outros trabalhos: artigos e autores especializados sobre o tema.

Justifica-se a escolha do tema com base no pressuposto de que Almeida Garrett, em sua criação artística, realizou a junção do estilo romântico e do estilo gótico em elementos que necessitam ser analisados como um contexto de seu tempo e da cultura nacional. Apesar do gosto romântico como atitude convencional, mostrou-se, ao mesmo tempo, impávido ao demonstrar elementos da literatura gótica como uma espécie de apologia de autenticidade que acrescentou à obra uma dimensão maior em termos de criação artística.

2. Elementos góticos em “O arco de Sant’Ana”, de Almeida Garrett

A

Almeida Garrett inicia o romance criticando duramente o poder eclesiástico. Em termos históricos, a obra foi escrita no ano de 1832, quando o autor lutava contra um regime absolutista autoritário. Viviam-se um momento de tensão, de violência, de repressão aos liberais, de modo que uma oligarquia eclesiástica representava o temor observado na obra:

El-rei D. Pedro, roubar o povo!

– E o bispo que ele quer defraudar, mas é o povo quem o paga. Entre senhores, a disputa sempre é sobre quem há de receber; pagar nunca é nenhum deles, senão só o povo.

– Ah! E querem que me eu enrede em suas disputas! Que nos destruamos por suas questões! Que me importa a mim?...

– Importa-me a mim. Faremos como eles: cobriremos com a capa do público interesse o nosso privado empenho. El-rei invoca a liberdade do povo, e são as suas próprias ganâncias que granjeia. O povo invoca o nome do príncipe, mas não é senão o amor do lucro que o move. Nós invocaremos tudo o que eles quiserem, contanto que me vingue que seja atroz e infame o castigo desse malvado... (GARRETT, 2004, p. 89)

Fica claro que, no romance, existe um grande temor com relação ao Bispo, cujo poder se refere a uma espécie de mal, algo que pode trazer a ruína para a vila, diante de tantas excomunhões ocorridas.

“O Arco de Sant’Ana” revela cenas específicas de processos narrativos ou uma sequência de fatos narrados e apresentados em um romance de aspectos melodramáticos, representados pela figura do cavaleiro, o herói romântico, Vasco.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Na obra, o herói Vasco procura conversar com a Bruxa de Gaia, uma mulher marginalizada pela sociedade e, ao mesmo tempo, temida, pois traz à percepção da cidade a noção de mal. A Bruxa quase fora queimada em um processo inquisitorial, tendo sido salva pela intercessão de Paio Guterres.

Vasco passa a conhecer a história de vida da Bruxa de Gaia em pormenores. A narrativa trata do estupro realizado por um cavaleiro ferido em batalha que fora acolhido pelo pai de Guiomar dentro da casa. A filha fugiu com vergonha de contar ao pai a desgraça que se abatera sobre ela, tendo ficado grávida de um menino.

Vasco fica sabendo que a mulher estuprada, na verdade, é Guiomar, que um dia se chamou Ester e que ele seria o fruto desse estupro. Como se observa, a identidade da Bruxa de Gaia vai sendo (re)construída ao longo da narrativa. Se pensarmos no termo “Gaia”, representa, no imaginário ocidental, a Mãe-Terra, “que gera formas vivas, tirando-as de sua própria substância” (JULIEN, 2002, p. 158). E ela gerou o caudilho que libertará o povo da opressão, do medo. A base do romance tem uma evolução que apresenta diferentes elementos e caracterização em que enquadram técnicas de dramaturgia expressas no narrador.

A narrativa enfoca o perfil de um romance, a partir de uma obra essencialmente narrativa que se apresenta em uma tendência ao enfoque hermenêutico associado à reconstituição do contexto histórico e social em dois volumes de Almeida Garrett, publicados entre os anos de 1845 e 1850. A história se delinea a partir de uma espécie de anedota curiosa que ocorre à margem dos eventos que se desenvolvem na história e que permitem um diálogo com o processo discursivo constituído.

No entanto, o que mais chama a atenção no romance se caracteriza pelos seus elementos que conferem uma grande densidade psicológica às personagens que possuem duplos psicológicos.

O gótico se produz de uma contracultura abastecida pelo tema da morte, dos sonhos, do satanismo, da insanidade, dotado de um psicológico nada saudável das personagens. Dentro da literatura gótica, a parte mais sombria está representada pela morte e pela loucura. Portanto, esse tipo de literatura traz muitos aspectos do subjetivo humano, aspectos autobiográficos conhecidos como literatura fantástica.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

As obras góticas literárias expressam uma narrativa cheia de pessimismo, além de também trazer uma capacidade de adentrar para o mundo metafísico, partindo de visões de mundo das personagens e não das personagens e suas vivências no mundo em que habitam fantasias e monstros, que convivem no imaginário coletivo em contraste com o bem e a paz celestial dos céus.

No romance “O Arco de Sant’Ana”, evidencia-se uma completa distopia, em que predomina, no espaço vivenciado, o medo arcaico, como se define, na história natural, a visão do homem para visualizar o mal, a certeza de que existem desafios diante de situações em que os coloca de frente com seus medos. Para Claeys³, o fio condutor da distopia seria pensar um lugar (mundo, país, estado, região, continente etc.) ruim para determinado grupo, no sentido de este estar invariavelmente ameaçado, caçado, proibido, oprimido, culminando em possibilidades correntes de morte/extermínio, sendo a tônica o medo e a desconfiança – algo normalmente provocado por um regime político (CLAEYS, 2017). Na obra, o povo português é explorado e oprimido pelo bispo tirano.

Nessa obra de Garrett, torna-se evidente o temor que a vila tinha da Bruxa de Gaia, o temor que Guiomar tinha do padre, seu esturador, o medo que o herói Vasco apresentava das oligarquias e do que elas podiam representar.

Na visão dessas personagens, o mal pode incorporar e trazer o medo, a submissão pela tortura e a morte, por isso temiam a noite, pois era o momento propício para o mal se liberar, o efeito dos males que o diabo pudesse causar em suas vidas. Temiam deixar a segurança da vila para ambientes mais longínquos e escuros. Aqui, fala-se de um monstro, ao citar o caso da descoberta do pai de Vasco:

Para que queres tu sabe-lo, o nome de teu pai? Os meus lábios não podem proferi-lo: estão selados por um juramento terrível, filho!... Assim era, como te dizem: nobre, rico, poderoso, senhor e cavaleiro era teu pai... Porém foi mais poderoso que ele o bispo, a sua ambição, a sua maldade. Ela me fez a desgraçada que estás vendo; da opulência e da grandeza me precipitou na miséria e na ignomínia. Teu berço de ouro foi embalado no opróbrio e na infâmia. Tua infância tão bela de que eu não gozei... Ah! De que me privaram com indignas ameaças e temores – foi entregue a estranhos... E eu consenti, meu Deus! Eu quase que agradei ao monstro

³ Professor de História do Pensamento Político na Universidade de Londres, publicou reconhecidos livros/artigos sobre, por exemplo, a ideia de *utopia* (tendo sido premiado por seu trabalho), a respeito da Revolução Francesa e do Socialismo.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

que te arrancasse de meus braços; tal foi a sua aleivosia, tais os medos que me meteu! Levaram-te, deram-te a frades e a clérigos para viveres em obscura dependência, tu, aonde devias mandar e ser senhor, e... Guiomar tinha ferido a corda sensível no coração do filho. A ambição, que estava no fundo, ferveu e transbordou... (GARRETT, 1997, p. 90)

Na obra, está evidente todo um conjunto de distopias representadas pelo medo do monstro, do desconhecido, da prisão da mente humana em relação às ameaças:

E os caldeireiros batiam nos arames estridentes seu infernal rebate. A algazarra, a vozeria, as risadas ferozes e descompostas, a alegria terrível da multidão que se prepara para o festim da carnagem... O profundo revolver das tremendas iras populares, formava tudo medonha consonância: era uma sequência infernal cantada pelas vozes discordantes dos demônios... (GARRETT, 1997, p. 47)

Percebe-se, portanto, uma correlação direta da empreitada revoltosa com a percepção de que essa façanha era “coisa dos infernos”. Entrecruzam-se o mal humano e o religioso, desferindo-se o que eles condenavam como transgressão social, desintegração mental e corrupção espiritual.

Os elementos góticos na obra são demonstrados pela transgressão e ansiedade sobre limites em derrubar as injustiças sociais das oligarquias contra o povo, trazendo, assim, uma grande ambivalência de emoções e medos. Tais elementos se expressam na figura da donzela estuprada por um cavaleiro machucado pela guerra.

Há, na obra, um cenário meio medieval, a donzela é sequestrada e assediada pelo Bispo da cidade. Esse homem é caracterizado como malvado, cruel. Há uma psicologia do terror que a figura do bispo exerce. A bruxa de Gaia é vista como louca, ela só aparece à noite porque ela não quer ser reconhecida.

É notório, no campo da literatura gótica, portanto, que o duplo psicológico remete às mudanças no paradigma a partir de questões inquietantes que tratam da maldade humana, do mistério, da falta de escrúpulos do ser humano em sua origem. Essa é a verdadeira identidade na obra.

Mas desde o primeiro dia que, pequenino ainda, fora à escola de Paio Guterres, o bom arcediogo de Oliveira, lhe aparecera essa velha, e o acariciara, e lhe dera sempre bonitos, prendas, quando ele queria e desejava, recomendando-lhe muito o segredo, que o rapaz guardava de todos escrupulosamente. Queria muito à velha, mas tinha medo e terror dela ao mesmo tempo, porque ela tinha fama de bruxa, era a “Bruxa de

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Gaia” que todos lhe chamavam: o nome de Guiomar, se esse era o seu deusas, até poucos lho sabiam. Sua mãe será, sua mãe é; não o duvida pois já agora. Fizeram-lhe sempre mistério de seu nascimento os que o criaram; mais fácil lhe foi portanto, aceitar esta explicação que achava eco nas simpatias de sua alma, na poderosa voz de seu sangue... Sangue que é judeu... Todos os preconceitos da educação se lhe rebelavam com a ideia. E sofre, e pesa-lhe da mãe que achou... Mas ela quer-lhe, ela ama-o tanto! Ela é tão feliz de lhe chamar filho! (GARRETT, 1997, p. 87)

O temor que o jovem tinha da Bruxa se apresentava como um temor infantil, desses que as crianças criam em seu imaginário, alimentados pelos pais com o objetivo de obter obediência pelo medo. Trata-se também da noção de mistério, da narrativa carregada de suspense.

Vale ressaltar, também, a existência da dualidade, de onde há luz, há sombras, e, nesse olhar mais penetrante para o sobrenatural como parte integrante do universo gótico, está permeada a narrativa de Garrett, demonstrando a realidade das pessoas no que concerne à crença na bruxaria e no diabo.

Na obra “O Arco de Sant’Ana”, a dinâmica do gótico é revivida, quando se revisita a visão consagrada do monstro, uma espécie de resgate do sobrenatural em uma sociedade pautada pelo medo do sobrenatural e, ao mesmo tempo, pelo medo do lado sombrio do homem, das suas mazelas escondidas.

Cohen (1996) avalia que:

A personagem monstruosa é um elemento fundamental não apenas da estrutura narrativa, mas desempenha também um papel determinante para os sentidos miméticos do Gótico. Isso porque monstruosidades ficcionais podem ser entendidas como constructos, nos quais se corporificam, metaforicamente, os medos, os desejos, as ansiedades e as fantasias de uma época e de um lugar. Não raramente, o monstro torna-se a diferença encarnada: são os atributos do “Outro” – ou seja, diferenças culturais, políticas, raciais, econômicas, sexuais que são figuradas na constituição do ser monstruoso. (COHEN, 1996, p. 29)

Assim são as personagens monstruosas de Garrett nesse romance, o Bispo e a Bruxa de Gaia (na visão do povo da vila). A narrativa apresenta uma efetiva ameaça representada pelos monstros construídos a partir de constructos de natureza cognitiva e cultural que demarcam feições sociais e reforçam códigos culturais e morais, além de evidenciar fronteiras socialmente não aceitáveis.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Vale dizer que é exatamente por sua associação com as práticas interditas que o monstro também traz a sedução na narrativa, pois determina a fantasia reprimida em um jogo entre a repulsa e a atração. Assim, abrem-se os caminhos para compreender o monstro gótico, como se observa na narrativa de Almeida Garrett:

Que ódio porém tem essa mulher ao bispo que o criou, e como a filho o trata também? Ódio que a seu jovem coração tem sempre querido fazer passar por quantos modos pode, mas em vão sempre. Os erros, os vícios, os crimes do prelado, bem os conhece e os detesta Vasco, mas a ele não pode. Entusiasta na causa popular, que é a da sua Gertrudes, quisera ser o tribuno audaz, o valente caudilho que à frente do povo do Porto triunfasse da tirania sacerdotal, estabelecesse o livre regime da “comuna” na sua querida terra do Porto. Para isso andava em negociações e conspirações com burgueses e populares, para isso tinha ido ter com el-rei e se fizera homem seu. Se com isso se contentassem as vinganças da mãe, estava pronto a dar sangue e vida por elas. (GARRETT, 1997, p. 87)

Evidencia-se, na narração, que o Bispo é o vilão monstruoso que representa a percepção de semelhanças entre o gótico e o melodrama existente na obra.

Nesse contexto, quando se trata da narrativa envolvendo a Bruxa de Gaia e o Bispo, existe uma configuração de personagens na história que possui elementos góticos em uma estrutura que apresenta uma profundidade psicológica e grande alcance dramático (a interface do estupro sofrido). Desse modo, suas falas e seus atos diante do ódio ao Bispo, diante da situação ultrajante de ter feito a fuga, leva aqueles a sua volta à perdição, dentro de uma figuração do mal absoluto.

A obra evidencia um aspecto simbólico, expresso pela capacidade de o narrador prever as mudanças sombrias na vida do jovem Vasco, que perdeu a inocência juvenil, a sua natureza heroica de conspiração contra os opressores que dominam a terra e que se apresenta como centro articulador da revolta popular. Mesmo assim, ele não se dá conta dos desafios que o esperam, diante das injustiças existentes. Há, também, na narrativa, a visão romântica de um cavaleiro de coração puro.

3. Considerações finais

O estudo permitiu evidenciar que existem elementos góticos na obra de Almeida Garrett, “O Arco de Sant’Ana”, muito embora exista uma crítica do autor aos seus contemporâneos que gostavam do estilo gótico e, ao mesmo tempo, ao romantismo que perpetuava nessa fase. No

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

entanto, essas características góticas se mesclam dentro do romance como forma de criação literária do escritor.

A interpretação que se apresenta no artigo traz uma visão da obra sob a percepção dos elementos góticos que se associam, na narrativa, às personagens e a seus monstros, representados pelo lado obscuro do ser humano. É notório que a obra “O Arco de Sant’Ana” possui esses elementos em seu enredo evidenciados pelo horror em seu panorama histórico-social, por meio da luta entre o bem e o mal, sendo o medo um constante representado a partir da personagem da Bruxa de Gaia e do monstro, evidenciado pela personagem do bispo.

A obra traça um panorama histórico e político, cuja produção literária se mescla com elementos góticos, embora o autor admita que esse direcionamento de alguns autores para esse estilo ficcional representaria uma forma de desapego às necessárias regras de costumes culturais da sociedade.

No entanto, a obra trouxe, principalmente em suas construções do outro monstruoso, a noção de maldade, da capacidade do ser humano de ter uma duplicidade ou um lado obscuro escondido que, quando se solta, é capaz de produzir efeitos devastadores, como um homem de Deus, outrora cavaleiro, estuprar uma senhorita, abrindo a porta para o mal lhe conduzir, como um sinal do diabo. Enfim, “o gótico busca envolver o leitor, mantendo-o em suspense, alarmá-lo, chocá-lo, incitá-lo, provocando-lhe em suma uma resposta emocional” (MOISÉS, 2013, p. 216).

A construção da figura do monstro estaria associada aos medos e às ansiedades, à carência de racionalização e à questão das crenças diante das mudanças e incertezas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Trad. de Antônio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1997.
- BOTTING, Fred. *Introduction: Gothic Excess and Transgression*. In: _____. *Gothic*. London: Routledge, 1996.
- CESERANI, Remo. *O Fantástico*. Trad. de Nilton Cezar Tridapalli. Curitiba: UFPR, 2006.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

CLAEYS, Gregory. *Dystopia: A Natural History*. A study of modern despotism, its antecedents, and its literary diffractions. Oxford: Oxford University Press, 2017.

COHEN, Jeffrey Jerome. *Monster theory*. Reading culture. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996.

FRANÇA, Júlio. Processos de composição da personagem na ficção gótica: as figurações do monstro humano. Disponível em: https://www.academia.edu/37885702/Processos_de_composi%C3%A7%C3%A3o_da_personagem_na_fic%C3%A7%C3%A3o_g%C3%B3tica_as_figura%C3%A7%C3%B5es_do_monstro_humano. Acesso em: 21 de setembro de 2020.

GARRETT, Almeida. *O Arco de Sant'Ana*. Crónica portuense. Lisboa: Europa América, 1997.

GILMORE, David D. *Monsters: evilbeings, mythicalbeasts, and allmanners of imaginary terrors*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2003.

JULIEN, Nadia. *Dicionário compacto de mitologia [Le dictionnaire des mythes]*. Trad. de Denise Radonovic Vieira. São Paulo: Rideel, 2002.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2013.